



O QUE UM CURRÍCULO CELEBRA? PROBLEMATIZAÇÃO, ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS COM MADONNA

¿QUÉ CELEBRA UN CURRÍCULUM? PROBLEMATIZACIÓN, ESTÉTICA DE LA EXISTENCIA Y PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO CON MADONNA

***WHAT DOES A CURRICULUM RESUME CELEBRATE?
PROBLEMATIZATION, AESTHETICS OF EXISTENCE AND PRODUCTION OF
KNOWLEDGE WITH MADONNA***

Alison dos Santos¹

Carin Klein²

Danilo Araujo de Oliveira³

RESUMO

Este artigo analisa o *show* da turnê internacional *The Celebration Tour* da cantora Madonna, apresentado em 2024. Para a análise de um currículo cultural não escolar, utilizamos os aportes teórico-metodológicos dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero e Sexualidade, a fim de discutirmos a partir das seguintes questões: qual currículo cultural não escolar é inscrito por esse artefato? Quais os/as autores/as que falam/escrevem nesses textos? Como esses textos culturais funcionam e o que ensinam? Que culturas ou saberes afirmam? Que regimes de verdade se vinculam? Que restrições fazem a outros saberes? Como se relacionam com outros poderes? Que possíveis efeitos produzem? O exame do material empírico evidenciou que o currículo cultural não escolar produzido no âmbito do *show* da Madonna objetivou ensinar formas de conhecer e existir

¹ Graduado em História (ULBRA/RS). Especialista em Educação (IFSUL). Especialista em Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade (ENSP), da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Professor da rede estadual do RGS.

² Doutora em Educação (UFRGS). Professora colaboradora do PPGEDU/ULBRA. Membro do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE/UFRGS).

³ Doutor em Educação (UFMG). Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão. Líder do grupo de pesquisa Questões e Políticas de Currículo. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas (GECC) e do Observatório da Juventude, Maranhão, MA, Brasil.

articuladas aos discursos dos Direitos Humanos, das lutas feministas para viver a pluralidade de gênero e sexualidade, das manifestações e diferenças identitárias.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Culturais. Currículo cultural não escolar. Gênero, Sexualidade. The Celebration Tour.

RESUMEN

Este artículo analiza el concierto de la gira internacional de Madonna, The Celebration Tour, presentado en 2024. Para el análisis de un currículo cultural no escolar, se utilizaron los aportes teórico-metodológicos de los Estudios Culturales y los Estudios de Género y Sexualidad, con el fin de discutir a partir de las siguientes preguntas: ¿qué currículo cultural no escolar se inscribe en este artefacto? ¿Qué autores hablan/escriben en estos textos? ¿Cómo funcionan estos textos culturales y qué enseñan? ¿Qué culturas o conocimientos afirman? ¿Qué regímenes de verdad están vinculados? ¿Qué restricciones imponen a otros conocimientos? ¿Cómo se relacionan con otras potencias? ¿Qué posibles efectos producen? El examen del material empírico mostró que el currículo cultural no escolar producido en el contexto del concierto de Madonna tuvo como objetivo enseñar formas de conocer y existir articuladas con los discursos de los Derechos Humanos, las luchas feministas por vivir la pluralidad de género y sexualidad, las manifestaciones y las diferencias identitarias.

PALABRAS-CLAVE: Estudios Culturales. Currículo cultural no escolar. Género, Sexualidad. The Celebration Tour.

ABSTRACT

This article analyzes Madonna's international tour concert The Celebration Tour, presented in 2024. For the analysis of a non-school cultural curriculum, we used the theoretical-methodological contributions of Cultural Studies and Gender and Sexuality Studies, in order to discuss from the following questions: which non-school cultural curriculum is inscribed by this artifact? Which authors speak/write in these texts? How do these cultural texts work and what do they teach? What cultures or knowledge do they affirm? Which regimes of truth are linked? What restrictions do they place on other knowledge? How do they relate to other powers? What possible effects do they produce? The examination of the empirical material showed that the non-school cultural curriculum produced in the context of Madonna's concert aimed to teach ways of knowing and existing articulated with the discourses of Human Rights, feminist struggles to live the plurality of gender and sexuality, manifestations and identity differences.

KEYWORDS: Cultural Studies. Non-school cultural curriculum. Gender, Sexuality. The Celebration Tour.

Introdução

Madonna Louise Veronica Ciccone é uma lenda viva do mundo da música, uma das mais bem sucedidas artistas da indústria cultural. Nascida nos Estados Unidos, no dia 16 de agosto de 1958, veio a perder sua mãe quando tinha apenas cinco anos de idade. Mesmo sendo criada pelo pai e sua madrasta através de uma educação rígida baseada nos

preceitos do catolicismo, teria desenvolvido desde sua infância um comportamento considerado transgressor, subversivo e rebelde. Diz-se que, motivada pelo sonho de se tornar uma bailarina de sucesso, fugiu da casa de seu pai e chegou em Nova York com apenas 35 dólares no bolso. Passou por inúmeras dificuldades financeiras e durante o ano de 1978 posou nua diante de fotógrafos e pintores para pagar suas aulas do curso de dança. Entretanto, sua ambição a encaminhou para outro ramo das artes: a música. Após muita determinação, trabalho árduo e persistência teria emplacado seu primeiro *single* no ano de 1982, chamado *Everybody* (Patrícia Coralis, 2011, p. 103). Vendendo 250 mil cópias, este *single* demarcou o início de uma carreira que se estenderia por 40 anos, motivo da *celebração*, como anuncia o título da apresentação de encerramento da turnê, que reuniu cerca de 1,6 milhão de pessoas na praia de Copacabana, tomada como artefato cultural que será apresentado e estudado neste trabalho.

A carreira artística de Madonna é marcada por inúmeras “polêmicas”, fato esse que a colocou sempre em evidência nas mídias internacionais. O termo “polêmica” é uma atribuição da mídia. Para nós, inspirados em Foucault, o que Madonna faz é “problematização”. A diferença entre o primeiro e o segundo termo é que “o polemista prossegue investido dos privilégios que detém antecipadamente, e que nunca aceita recolocar em questão” (Michel Foucault, 2017, p. 219). O polemista tem diante dele sempre um adversário a eliminar, um inimigo perigoso, assim age tentando anulá-lo. Já aquele que se propõe a problematizar opera com o pensamento, isto é, se “permite tomar distância em relação a maneira de fazer ou de reagir, e tomá-la como objeto de pensamento e interrogá-la sobre seu sentido, suas condições e seus fins (Foucault, 2017, p. 225). Assim, as ações da Madonna trata-se mais de um exercício de problematização, conforme nos ensinou Foucault (2017).

Vejamos como ela fez isso. Em sua obra, de maneira marcante e ousada, trouxe à cultura *pop* o debate sobre temas conturbados, delicados e sensíveis como o sexo, a homossexualidade, a religião, o fetichismo e a pornografia, numa época em que tais assuntos ainda eram considerados como tabus, sendo invisibilizados e/ou silenciados pelos meios de comunicação em massa. Todavia, mesmo em meio a inúmeras controvérsias, ela recebeu da indústria cultural o título de “rainha do *pop*”, e os números confirmam a glória de seu reinado. Segundo o Guinness Book, Madonna é a cantora que mais vendeu álbuns na história da música, tendo alcançado a marca impressionante de 400 milhões de discos vendidos, entre *singles*, álbuns físicos e também digitais (Redação, 2023). Seu trabalho lhe rendeu reconhecimento mundial e, por vezes, foi/é indicada como

uma artista que subverteu e revolucionou a cultura *pop* através de seus álbuns, videoclipes e turnês, além de ser referenciada como alguém que soube domar, gerenciar e administrar sua carreira com maestria, (des)construindo e (re)inventando sua imagem pública ao utilizar com excelência os meios de comunicação, a mídia, a publicidade e a propaganda para sua autopromoção. Ademais, ela é ovacionada como um ícone da luta feminista, uma figura política que deu voz e visibilidade para as sexualidades dissidentes e como uma personalidade ligada a inúmeras causas sociais.

Ela fez isso de maneira inédita, em um tempo em que não havia privilégio algum para as mulheres, ela não pretendeu instituir ou acabar com seus adversários, mas evidenciar como a cultura estava sendo produzida de certos modos, instituindo sentidos e significados que precisavam ser tensionados, questionados, colocados em questão, como um problema para se pensar.

Neste trabalho propomos investigar a formação de um currículo cultural não escolar, inscrito pelo artefato audiovisual da Madonna denominado “The Celebration Tour”, a partir das lentes teóricas dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero e Sexualidade. Buscamos, através da explicitação do artefato cultural, da conceitualização teórica e da problematização aqui produzida, discuti-lo como um texto cultural, identificando e descrevendo alguns dos ensinamentos produzidos e veiculados por esse currículo. Sendo assim, assumimos que não temos a pretensão de esgotar as discussões e/ou chegar a uma suposta verdade sobre as coisas, tampouco em realizarmos algum juízo de valor evidenciando se determinados comportamentos são certos ou errados. A direção é a de compreendermos algumas formas de olhar, organizar e fazer funcionar o mundo, pensando de que forma a diversidade e a multiplicidade dos comportamentos humanos expressam e reivindicam formas de existir.

Partimos do pressuposto de que gênero e sexualidade não partem de um modelo ou de uma ordem universal. São produtos da cultura que vão muito além de sequências binárias e arbitrárias ligadas ao biológico e que nos conduzem ao masculino/feminino, heterossexual/homossexual, por isso seus sentidos e existências não estão presas aos corpos, aos comportamentos, às vestimentas, elas não possuem um lugar de chegada e ancoragem, alargam-se, conflituam-se e subvertem (Guacira Louro, 2018). Mesmo que um currículo busque nos educar ao dizer quem somos e/ou quem devemos nos tornar, cabe-nos duvidar dessa premissa, estranhando-o, examinando suas linguagens, compreendendo sua temporalidade, seus espaços e experiências.

Vale pensarmos no que nos diz Judith Butler (2024, p. 13) acerca da existência de um “[...] projeto [conservador] de reconduzir o mundo a um tempo anterior ao ‘gênero’ [que] promete o retorno a uma sonhada ordem patriarcal que pode nunca ter existido, mas que ocupa o lugar da ‘história’ ou da ‘natureza’ [...] [e] que apenas um Estado forte pode restaurar”. Nesse cenário, pode-se investir na construção de estratégias discursivas que tratam de silenciar as chamadas minorias sexuais e de gênero e apresentá-las reiteradamente como desviantes, destrutivas e perigosas aos valores familiares e à formação da sociedade, mas pode-se também resistir a elas, criar outras e viabilizar outras compreensões e enfrentamentos. A seguir, apresentamos o que tomamos como material empírico da pesquisa: o *show* realizado na praia de Copacabana, no âmbito da sua última turnê, “The Celebration Tour”.

Apresentando o objeto de análise: a The Celebration Tour

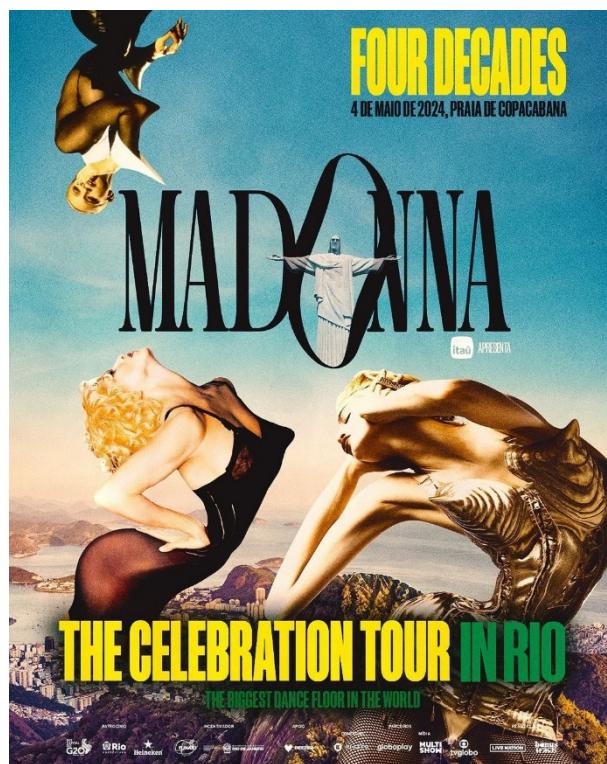
Talvez muitos tenham pensado, após a “The Madame X Tour”, que finalizou em 2020, que Madonna iria abandonar os holofotes e se aposentar, afinal ela dava sinais de esgotamento e desaceleração: rompendo com a sua tradição de turnês mundiais em arenas e/ou estádios, na referida turnê ela propôs apresentações intimistas em teatros, sendo que a agenda de *shows* desta turnê não chegou a ser completada (Miguel Sá, 2020). No entanto, mesmo após passar por uma internação hospitalar devido a problemas de saúde, Madonna surpreendeu a todos ressurgindo, com seus 65 anos de idade, na The 02 Arena, em Londres, iniciando assim sua décima segunda turnê internacional, denominada “The Celebration Tour”, no dia 14 de outubro de 2023 (Felipe Grutter, 2023).

Como o próprio nome da turnê sugere, o conceito do espetáculo é a “Celebração” de seus 40 anos de carreira. Madonna finalmente decidiu revisitar seu passado para (re)transmiti-lo, (re)inventá-lo, (re)interpretá-lo e festejá-lo. Ao que tudo indica, esse momento era muito esperado pelos seus fãs, já que a referida turnê vendeu 1,1 milhão de ingressos, que foram distribuídos em 80 *shows* onerosos, que passaram pela Europa e América do Norte, totalizando uma arrecadação de US\$ 225 milhões (cerca de R\$ 1,159 bilhão), fato este que colocou a “The Celebration Tour” no *ranking* das turnês mais lucrativas da história da música (Guilherme Araujo, 2024). Todavia, o encerramento da turnê ocorreria na América do Sul, sendo que o 81º *show* seria realizado com entrada gratuita nas areias da praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, transmitido ao vivo por

uma das maiores emissoras de televisão aberta do mundo e, ainda, se tornaria o espetáculo com maior público da carreira da artista.

Quem decidiu que traria a *popstar* para uma apresentação gratuita em Copacabana foi o Banco Itaú. Madonna já havia se tornado garota propaganda do banco, que comemorou em 2024 seus 100 anos de existência. Como forma de presentear seus clientes, foi arquitetado esse grandioso evento musical, que contou ainda com o apoio da Deezer, com o patrocínio da Heineken e do governo estadual e municipal do Rio de Janeiro. A Bonus Track e a Live Nation foram as empresas encarregadas pela realização do evento, enquanto a Globo seria a responsável pela transmissão ao vivo do *show* através da TV Globo, do Multishow e do Globoplay. Ao longo da orla da praia de Copacabana foram instaladas 16 torres de áudio e vídeo, que propiciaram o cenário que formou a “maior pista de dança do mundo” (Priscilla Oliveira, 2024). Como já citado, cerca de 1,6 milhão de pessoas compareceram para prestigiar o grande espetáculo da artista. O dia 4 de maio de 2024 não foi um dia histórico apenas para Madonna, que atraiu o maior público de sua carreira, mas foi também para a rede Globo, que registrou recordes de audiência, alcançando 17 pontos, sua maior audiência das noites de sábado dos últimos seis anos (Redação, 2024). E são excertos deste produto audiovisual gerado pela programação da TV Globo que foram selecionados para a realização das análises.

FIGURA 1: Foto publicitária da vinda da Madonna ao Brasil.



Fonte: Instagram Visit Rio, canal oficial do turismo do Rio de Janeiro.

Compreendendo o conceito de currículo cultural não escolar

O argumento central deste trabalho é que o produto audiovisual “The Celebration Tour” é um artefato que produz e veicula sentidos através de um currículo cultural não escolar, acerca do gênero e da sexualidade, ou seja, um currículo que é criado fora dos espaços educativos formais, como a escola. Assumimos que compreender como esse currículo funciona e dissemina saberes e significados sobre gênero e sexualidade possui relevância, na direção de que as reflexões produzidas pelo viés teórico-metodológico adotado nos possibilita ampliar a compreensão de investimentos que atuam na constituição da subjetividade do sujeito contemporâneo generificado e sexuado que, por sua vez, pode ser o sujeito que está inserido dentro do nosso sistema educacional.

Sendo assim, torna-se pertinente aprofundarmos teoricamente este conceito. Danilo Oliveira e Rita Frangella (2022) explicitam que as problematizações acerca dos currículos nos campos da Educação têm ampliado os entendimentos acerca de suas intenções, conduções e relações estabelecidas, tanto em espaços escolares como não escolares. Vale lembrar que a partir da perspectiva da análise cultural, os processos educativos são tomados na direção de mediar ou produzir certas formas de subjetivação dos sujeitos. Sandra Corazza (2004) nos instiga a pensar sobre o estudo do currículo como análises da linguagem, podendo-se identificar suas significações, sons, imagens, conceitos, cortes, representações, fluxos, ironias, invenções, sendo o currículo de caráter eminentemente construcionista, ou seja, produzido de modo incessante, contraditório, circunstancial, indeterminado e, por vezes, accidental.

Essa construção teórica nos conduz a pensar que os currículos são campos em constante disputa, movimento e negociação pois suas significações são contingentes, arbitrárias e provisórias. A cultura tem atuado como o espaço em que esses processos de lutas, contestações e transformações ocorrem, sendo os currículos compreendidos como locais que atuam na produção daquilo que enunciam a fim de corporificar sujeitos, instituições, conhecimento, normas, relações, intenções (Corazza, 2004). Dito de outra forma, os currículos são visibilizados enquanto práticas inerentes, intrínsecas e indissociáveis da cultura, sendo “que a cultura se dá como produção híbrida na passagem por um terceiro espaço de enunciação que negocia e borra os sentidos, um espaço mobilizado pela diferença que demanda a negociação, não para subsumi-la numa lógica de síntese possível, mas para, com e na diferença, produzir produções outras” (Oliveira; Frangella, 2022, p. 5).

Diante disso, a discussão curricular se abre para o entendimento de que o currículo é uma produção discursiva que produz e divulga significados sobre as coisas e sobre o mundo. Nesse contexto, os currículos não estão amarrados às salas de aulas, mas antes são atravessados por relações de consumo, relações políticas e relações submetidas a interesses de formas difusas de poder. Nessa direção, torna-se correto afirmar que os currículos podem ser inscritos em diversas instâncias sociais, materializando-se em outros espaços culturais, tais como: museus, bibliotecas, propostas político-pedagógicas, legislações, mídias sociais, cinema, *streaming*, músicas, *podcasts*, enfim, nos inúmeros artefatos produzidos continuamente pelas nossas sociedades e que circulam em nosso cotidiano carregando em si universos de sentidos.

Portanto, mesmo que estejamos aqui trabalhando na perspectiva de que os currículos sejam não escolares, entendimento que desloca nosso olhar para uma analítica acerca de uma produção discursiva para fora dos muros da escola, mas que ensina e produz saberes, às vezes de maneira mais sedutora que essa instituição, eles não estão isolados, à parte da escola, mas insiste em atravessar as instituições formas de ensino, quando os sujeitos, ao serem interpelados por esses outros currículos, cobram de alguma forma que os currículos escolares digam alguma coisa sobre os currículos não escolares.

Sendo a escola o espaço que historicamente tem sido visto enquanto o local oficial para a criação, legitimação e institucionalização das relações de poder-saber, a investigação destes currículos não escolares podem nos proporcionar contribuições importantes para o ambiente escolar, uma vez que elimina uma suposta fronteira entre os muros do sistema educacional e o mundo que o cerca, desestabilizando binarismos, noções essencialistas, fundamentalistas e elucidando outras pedagogias que se elevam e se estabelecem de outras instâncias culturais. Um exemplo disso é o debate sobre as dimensões de gênero e sexualidade, que enquanto a escola é incitada a silenciar essas temáticas, pelo menos, por meio da legitimação dada pelos currículos oficiais, essas questões superabundam em artefatos culturais variados.

Nesse sentido, reconhecemos que a nomeação de currículos como culturais não escolares e escolares, mostram que tal qual o primeiro, o último também é cultural, pois é constituído das culturas diversas que atravessam, constituem e fazem parte dele. Evidenciam também as disputas de poder intrínsecas a ambos e que nada está dado de uma vez por todas.

Aprofundando a discussão, Marlucy Paraíso (2010) argumenta que o currículo e as práticas de lazer estão intrinsecamente conectados. Nesta direção, as “máquinas de

lazer” que se elevam da indústria do entretenimento devem também ser entendidas enquanto textos curriculares culturais, textos que criam significados e sentidos sobre o mundo, que constroem narrativas interessadas que educam, buscam formar e constituir sujeitos de determinados tipos. Sendo assim, devemos reconhecer que há currículo e há pedagogias em diversas instâncias culturais, afinal, as máquinas que servem ao lazer (computador, telefone, celular, televisão, videogames, DVDs, aparelhos de sons) “não são somente máquinas lúdicas. Elas são máquinas de ensinar que lidam com uma infinidade de estratégias para capturar o tempo e o envolvimento dos seus usuários. que divulgam e ensinam saberes sobre o próprio lazer e o entretenimento” (Paraíso, 2010, p. 40). Por isso mesmo estamos aqui interessados nos saberes ensinados na turnê em análise. Demonstrando que não se tratava apenas de um *show* como puro entretenimento, mas como um artefato instituinte de sentidos.

Por conseguinte, os diferentes artefatos culturais que emergem da cultura do lazer não são produtos acabados, antes se encontram abertos para criações e produções. Ao investigar estes currículos culturais devemos observar e descrever o que ensinam, que poderes acionam, que saberes estão em disputa, o que pretendem representar e quais são seus efeitos sobre as relações humanas. Significa pensar os currículos culturais não escolares como práticas culturais produtivas, abertas a interpretações e em luta para fixação de sentidos, transmitem visões de mundo que desejam ser impostas ou preservadas, desejam conduzir modos de ser, produzir modos de pensar e agir. Portanto, a perspectiva adotada para operacionalização deste trabalho é a de que os currículos culturais não escolares estão estruturados em meio a “inúmeras estratégias de poder, técnicas de governo e procedimentos de saber que têm aumentado e se aperfeiçoados na contemporaneidade para a normalização dos indivíduos, para o governo das pessoas e para o controle da vida” (Paraíso, 2010, p. 52).

Um exemplo produtivo do uso do conceito de currículo cultural não escolar é o trabalho desenvolvido por Danilo Oliveira (2021). Em sua tese de doutorado investigou práticas localizadas no ciberespaço, especificamente em um *blog* e em três perfis no Twitter. Para o autor, estes artefatos culturais circunscrevem um currículo que ele denominou de “bareback”, que em sua perspectiva operava na direção de produzir verdades, saberes e certas posições de sujeito. O *bareback* diz respeito a práticas sexuais intencionais que ocorrem sem o uso de preservativos, geralmente entre homens que procuram relações sexuais com outros homens. Partindo do pressuposto de que o currículo é uma prática discursiva de poder-saber, Oliveira (2021) argumenta que este

currículo estaria engendrando processos de subjetivação e a produção de regimes de verdade que se desenvolviam em meio a discursos contraditórios de resistência e contestação às normas institucionalizadas acerca do uso de preservativo com parceiros do mesmo sexo. Nesse contexto, o currículo *bareback* propõe-se a ensinar que, para alcançar o máximo de prazer, desejo e excitação durante o ato sexual, é necessário abrir mão do uso do preservativo. Dessa forma, ao tentar se afirmar como verdade, esse currículo estabelece relações conflituosas relacionadas ao risco, à saúde e ao prazer, resultando em diferentes posições, condutas e comportamentos dos sujeitos, conhecidos como *unrubberman*, *giftgivers*, *bugchaser* e *preper*. Por fim, ele identificou que a pornografia funciona como uma tecnologia integrada ao funcionamento deste currículo, que veicula pedagogias do erotismo e da masculinização que incitam estratégias para que o *bareback* seja percebido enquanto uma prática sexual transgressora, que estaria estritamente vinculada à masculinidade, sendo a violação da norma do uso obrigatório do preservativo vista como um comportamento positivo, desejável e prazeroso.

Examinando o currículo não escolar do último *show* da turnê “The Celebration Tour”

O recorte do material empírico para o trabalho consiste em excertos, que se mostraram produtivos para a presente discussão, do último *show* da “The Celebration Tour”, transmitido em rede nacional pela Globo. Fundamentando-nos na análise cultural e inspirados em formulações de Paraíso (2010), partimos de perguntas norteadoras para o processo de análise: a) Quais os(as) autores(as) que falam/escrevem nesses textos? b) Como estes textos culturais funcionam e o que ensinam? c) Que culturas ou saberes afirmam? Que regimes de verdade se vinculam? Que restrições fazem a outros saberes? Como se relacionam com outros poderes? d) Que possíveis efeitos produzem? Sintetizando, o que o presente discurso objetiva "fazer aparecer" no campo ou território em que se encontra situado. Esses são questionamentos importantes para pensarmos de que modos operam os currículos culturais não escolares que passamos agora a discutir.

a) Um show pode ser pensado como um produto idealizado por uma equipe multidisciplinar da indústria cultural e que tem como objetivo a obtenção do lucro, tanto através da venda de ingressos, como por meio da aquisição de comportamentos e produtos. Somente nos Estados Unidos, o setor de eventos musicais foi responsável por um impacto econômico de US\$ 132,6 bilhões na economia do país no ano de 2019,

gerando em torno de 913 mil empregos. O impacto econômico previsto da “The Celebration Tour” na economia do Rio de Janeiro, mesmo com o *show* sendo aberto ao público, era de R\$ 293,4 milhões, conforme estudo apresentado pela prefeitura (Rio, 2024, p. 2,4). Sendo assim, o texto cultural inscrito pela “The Celebration Tour” contou com a colaboração de uma equipe com cerca de 200 profissionais, entre produtores, diretores, roteiristas, figurinistas, músicos, dançarinos, etc. (Giovanna Bronze, 2024). Nesta perspectiva, conduzidos pelo entendimento de educação como forma de constituir sujeitos, permeados pelas relações de mercado e consumo perguntamos: o que os idealizadores deste evento procuravam vender com a elaboração deste produto cultural? Ou o que esse currículo cultural não escolar buscava com o deslocamento de tantas pessoas até a praia de Copacabana? Uma das possíveis linhas de argumentação para as perguntas pode ser a simples diversão e/ou entretenimento das pessoas, uma vez que a produção do espetáculo propôs uma experiência completa e imersiva no passado da carreira da artista, fazendo-os regressar no tempo, envolvendo-os através das imagens, das músicas, do teatro, da dança, da participação de artistas brasileiros/as e de outros aparatos tecnológicos. Sendo assim, a história da artista deveria ser contada de maneira que seduzisse, contagiasse e emocionasse o público presente a fim de que, ao final do evento, os sujeitos impactados com a sua história de força, determinação e superação, dispensassem sentimentos de gratidão, motivação e inspiração.

b) Uma mistura de nostalgia e inovação tecnológica. Assim se inicia o grande espetáculo produzido por Madonna. A “rainha do *pop*” apresenta-se sozinha no centro do palco cantando a canção “Nothing Really Matters”, envolta em fumaça e em meio a uma grande estrutura redonda de luzes que lembra uma máquina do tempo. Em seguida, jornais impressos e fitas cassetes são apresentadas nos telões, conduzindo o público à Nova York dos anos 1980, onde Madonna teria chegado com apenas 35 dólares no bolso e um sonho imenso de se tornar famosa. É então aberta a pista de dança e, relembrando sua era punk-rock, a cantora entoa seu primeiro single, “Everybody”, que é seguido de “Into the Groove”, outro grande sucesso dos anos 1980. Após essas *performances*, Madonna ao lado de uma atriz que representa ela mesma no passado, convida oficialmente o público para fazer uma viagem no tempo com ela:

Eu quero apresentá-los a mim. Eu sei que é bizarro, mas essa sou eu há 40 anos. 40 anos, porra! [...] Essa garota, essa mulher, esse ser humano sou eu quando estava começando a minha carreira e ela nunca saiu do meu lado. Ela é guerreira, ela é corajosa, ela é ingênua, ela é idealista,

ela é ridícula. Mas adivinhem só: ela tem um sonho. E se você não tem um sonho, você não pode fazer o impossível possível. Então, lembre-se disso. E, mais importante, lembre-se de onde você veio. Lembre-se do passado, do presente e do que está por vir (Madonna Ciccone, 2024).

E este é um excerto importante do texto cultural que é escrito pelo *show*, seu fio condutor pretender recontar o passado de Madonna de maneira a reconstruir e consolidar majestosamente a imagem de um ícone, de um ídolo, de uma lenda da música. De maneira catártica e extasiante, o público é conduzido pelas eras marcantes de sua carreira. Vemos a Madonna subversiva e transgressora, que criou embates públicos e problematizações religiosas com a Igreja Católica, a Madonna que nos anos 1990 dirigiu uma cruzada pela liberação sexual, pelo reconhecimento dos direitos civis e políticos de gays e mulheres, assim como procurou romper com o silêncio que cercava o assunto da AIDS na cultura *pop*, em uma época em que populações eram dizimadas enquanto imperava o preconceito e a desinformação sobre a doença. Somos conduzidos a recordarmos de uma Madonna inovadora que, como um “raio de luz”, trouxe a música eletrônica ao *mainstream*, uma rainha revolucionária que, colocando até mesmo sua carreira em xeque, se opôs à guerra norte-americana no Iraque, nos anos 2000 e após ressurgiu crucificada e se confessando em uma pista de dança. Por fim, somos encaminhados a relembrar (e/ou aprender) no âmbito desse currículo, sobre uma artista que enfrentou o etarismo nos anos de 2010, ao ser criticada por ainda estar em atividade e por concorrer com outras jovens cantoras, mostrando-nos que atualmente confronta, vive e existe por meio de sua maturidade artística dos anos 2020 (Rodolfo Abreu, 2023; EstiloGeek, 2024). Nessa linha, prosseguimos identificando outros ensinamentos que são percebidos durante a execução do *show*.

Visibilidade e representatividade à cultura *drag queen*: subvertendo as normas de gênero e sexualidade, a abertura da “The Celebration Tour” é realizada por um mestre de cerimônias nada convencional. Vestida de Maria Antonieta (em alusão a icônica apresentação da Madonna no MTV Video Music Awards de 1990), Bob, *The Drag Queen*, aparece na pista que se localiza entre o público para, de forma cativante, caricata e cômica, entronizar Madonna ao seu trono. Além de *drag queen*, Bob é uma artista negra e foi vencedora da oitava temporada de *RuPaul's Drag Race* (Globo, 2024). Dessa forma, a produção de Madonna procura reafirmar seu apoio histórico e político à comunidade

LGBTQIAPN+,⁴ colocando em evidência elementos de suas culturas, além de proporcionar representatividade em rede nacional. A figura da *drag queen* é carregada de simbolismos, ela ultraja, afronta, exacerba, disputa e tensiona as fronteiras que demarcam o que usualmente comprehende-se como gênero e sexualidade. A *drag queen* possui um caráter político que ensina através da transgressão acerca das normas de gênero e sexualidade, desnaturalizando uma suposta ligação dada por meio da biologia dos corpos, mas sim como produtoras e produtos da cultura, podendo ser constantemente inventadas, interpretadas, reencenadas e performadas.

FIGURA 2: Madonna em 1990 e Bob, The Drag Queen, na abertura da “The Celebration Tour”.



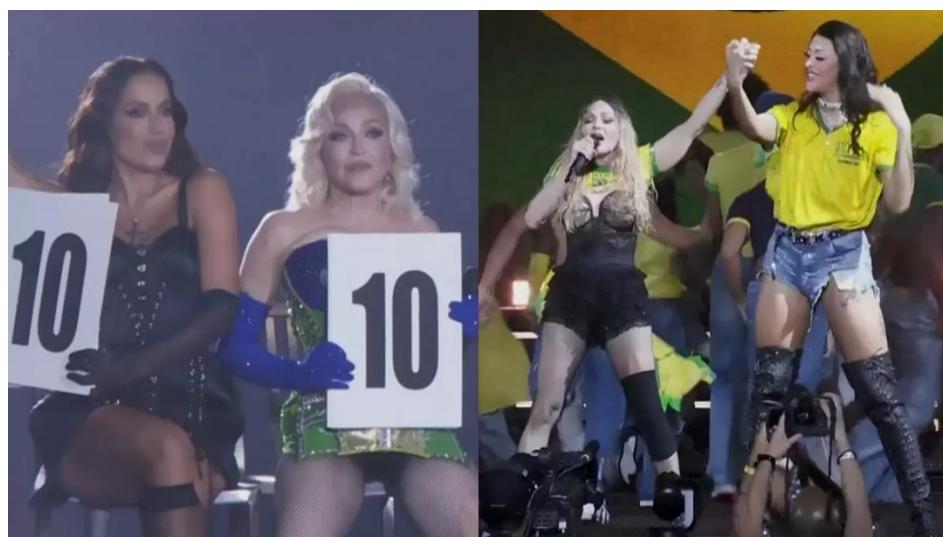
Fonte: New York Post.

Visibilidade e representatividade à cultura *Ballroom*: na década de 1990, Madonna encontrou inspiração em um estilo de dança que era promovido pela comunidade LGBTQIAPN+ marginalizada de Nova York. Entra em cena então uma das mais conhecidas músicas da artista, o hit “Vogue”, em que ela passa a inserir traços da coreografia suburbana da cultura *Ballroom*, apresentada no videoclipe da canção e na *performance* da “Blond Ambition Tour”, de 1990. Na “The Celebration Tour”, ela novamente dá visibilidade a essa cultura subalternizada, incorporando o antigo com o

⁴ A sigla LGBTQIAPN+ evidencia a importância e o reconhecimento das diferentes identidades de gênero e orientações sexuais. Por ser mais abrangente, ela representa e acolhe uma quantidade maior de sujeitos que necessariamente não estão “presas” a uma letra, podendo transitar, transgredir e coexistir entre elas. A sigla é uma forma de atualização às siglas GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) e LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero), muito difundidas a partir dos anos 1980.

novo. Desse modo, reitera ensinamentos de aceitação e respeito às diferenças produzidas por culturas marginalizadas, subalternizadas e invisibilizadas. Na cultura original, ocorrem bailes em que “*houses/famílias*” de artistas LGBTQIAPN+ se enfrentam em uma espécie de concurso, com jurados/as comprometidos na escolha da “*house/família*” que dança melhor (Splash, 2024). Em determinado momento do *show*, toca a música “*Vogue*” e é quando ocorre um desses concursos. Madonna passa a convidar jurados/as que representem elementos atuais da cultura *pop* de determinado país/região. No caso do Brasil, a escolhida foi a artista Anitta, que já havia gravado uma canção com a rainha, chamada “*Faz Gostoso*” do álbum “*Madame X*”. Ainda seguindo nesta direção, vale mencionar que Madonna mescla elementos da cultura *pop* e carnavalesca do Rio de Janeiro, quando integrantes de uma escola de samba tocam “*Music*”. Esse intercâmbio cultural é selado com a presença da *drag queen* brasileira Pabllo Vittar, vestindo a camiseta da seleção brasileira, que também é vestida por Madonna. Em um gesto simbólico, Pabllo Vittar carrega Madonna em seu colo, demonstrando que tanto a comunidade *gay* como o Brasil estavam celebrando e enaltecendo a diva *pop* naquele momento.

FIGURA 3: Madonna e Anitta à esquerda e Madonna e Pabllo Vittar à direita.



Fonte: Teen Pop.

Representação do feminismo e da luta contra o etarismo: as representações de gênero e sexualidade veiculadas e produzidas por Madonna ao longo de sua carreira buscaram evidenciá-la como um ícone da luta feminista. Entretanto, temos que admitir que não vemos no palco uma jovem, mas uma mulher de 65 anos. Sendo assim, muitos

de seus fãs envelheceram com ela e hoje a veem como um exemplo da luta contra o etarismo de gênero. A discriminação por etarismo de gênero é cruel, pois a cultura conservadora exclui e menospreza profundamente as mulheres em razão de sua faixa etária, atribuindo-lhes e reiterando lugares que as excluem da cena política, ou seja, posicionando-as principalmente como mulheres e mães amorosas, cuidadoras, abnegadas e responsáveis pela saúde e educação das crianças e da família (Carin Klein, 2018; 2021). Madonna transgride e nos ensina que as mulheres podem experenciarem diferentes formas de ser mulher, ocuparem outros espaços e posições, além de existir e viver as sexualidades, independentemente da idade. Durante vários momentos do *show* ela demonstra que uma mulher de 65 anos possui sensualidade, vive a sexualidade e não possui vergonha de seu corpo. Após a *performance* de “Erótica”, por exemplo, ela aparece de camisola de cetim vermelho e simula estar se masturbando em uma cama, junto com sua *persona* do passado. Na *performance* de “Justify my love”, ela se entrelaça sensualmente com seus/suas dançarinos/as, insinuando vivenciarem uma experiência sexual em grupo. Portanto, Madonna rompe, subverte e afronta noções convencionais acerca do gênero e da sexualidade, mas também das formas de viver o envelhecimento.

c) Situada na cultura *pop*, a arte da Madonna deve ser entendida como produzida (e produtora) para as massas, tendo como objetivo central alcançar o maior número de pessoas. Nesta perspectiva, devemos entender que Madonna é uma artista conectada às tendências atuais, além de possuir uma equipe multidisciplinar que zela pelos saberes que emergem dos conflitos identitários e políticos, e assim posicionar a expressão artística da Madonna, vinculada aos regimes de verdade ligados às Ciências Humanas e aos Direitos Humanos. Isso torna-se evidente em muitos momentos do *show* na praia de Copacabana. Seus dançarinos representam a diversidade: são homens e mulheres negros, brancos, asiáticos (quebrando com noções xenófobas), são gays, lésbicas e artistas que transitam fluidamente entre os gêneros. Madonna também beija na boca uma mulher durante o espetáculo, trazendo o assunto da bissexualidade, demonstrando que ela mesma pode se relacionar com homens e mulheres. Todavia, o campo da cultura e, principalmente o da cultura *pop*, é amplamente negociado, disputado e reivindicado pelos diversos grupos sociais que permeiam a arena política e cultural. Vale mencionar que no Brasil vivemos a emergência de diversos grupos conservadores, moralistas e reacionários que buscam se impor contra o que foi transmitido na televisão aberta pela rede Globo. Como exemplo, temos a fala de um político muito conhecido que classificou o evento como um “*show de horrores*” a ser denunciado ao Ministério Público, uma vez que expôs cenas que ele

considerou pornográficas, desrespeitando o Estatuto da Criança e do Adolescente. O espetáculo também foi considerado impróprio e desrespeitoso com o povo do Rio Grande do Sul, que enfrentava uma calamidade pública em razão de graves enchentes (Victor Serra, 2024).

FIGURA 4: Madonna e seus/suas dançarinos/as.



Fonte: Viatrolebus.

d) Sintetizando e finalizando as análises: esse estudo evidencia que o currículo cultural não escolar produzido a partir do último *show* da turnê “The Celebration Tour” da Madonna inscreve um texto cultural que objetiva ensinar os sujeitos, por meio de um *show*, acerca de elementos que se conflituam no âmbito da cultura contemporânea, tomando partido sobre a importância do feminismo, da pluralidade de gênero e sexualidade, das manifestações e diferenças identitárias. Neste sentido, pode-se dizer que a produção do *show* dá evidência à cultura *pop*, mas também a outras culturas marcadas pela estigmatização, subalternização e marginalização relacionadas com a comunidade LGBTQIAPN+, como a Cultura *Drag Queen* e a Cultura *Ballroom*. Nesta direção, buscou-se através da “The Celebration Tour” dar visibilidade e representatividade para as sexualidades ainda tomadas como dissidentes, para a pluralidade de viver o gênero e também para aqueles/as sujeitos pertencentes a outras etnias/raças, nacionalidades e classes sociais. Podemos dizer que o currículo cultural não escolar atuou na tentativa de reconstruir o passado da artista Madonna, demonstrando que ela, uma mulher de origem pobre que chegou com apenas 35 dólares no bolso em Nova York dos anos 1970, não

desistiu dos seus sonhos e, com muita dedicação, trabalho árduo e determinação, ascendeu socialmente, alcançado o *status* de “rainha do pop”, tornando-se uma das mulheres mais bem sucedidas da história da música. A reconstituição do passado da artista ocorreu em consonância com a consolidação da representação pública de um ícone e/ou uma lenda da música e que coloca em xeque formas determinadas e normativas de viver o gênero e a sexualidade, assim como o etarismo. Acreditamos que um dos possíveis efeitos desse currículo cultural não escolar seja o de produzir subjetividades que respeitem as diversidades e existências presentes nas relações humanas, ao mesmo tempo em que reconheçam que a Madonna é uma rainha, uma lenda viva da música e que, devido a sua luta, ousadia e esforço, ainda ocupa um lugar que funciona como uma espécie de símbolo do triunfo da Indústria Cultural.

O que um currículo celebra?

Durante muito tempo lutaram para nos fazer acreditar que um currículo é uma seleção do que há de melhor, e assim foram nos inculcando que o que há de melhor é a norma, são os temas e assuntos que reiteram os lugares de poder daqueles que sempre se ocuparam de prescrever sobre o que deveríamos saber. Nesse curso a ser seguido para usar a palavra currículo, fomos nos constituindo sujeitos de certos modos, sem mesmo entender quem éramos, ou quem estávamos nos tornando, apenas ocupando indistintamente as posições disponibilizadas pelas redes discursivas.

Ao selecionar temáticas sensíveis, invisibilizadas, contestar o cânone e o sagrado do conhecimento instituído, Madonna demanda que o currículo celebre outras formas de produção do saber e da vida. Enquanto os currículos oficiais insistem em dizer quais vidas são dignas de serem vividas e quais continuaram sendo precarizadas, ela conclama um levante, ela institui um certo regime de visibilidade, para que as pessoas não apenas se pensem nos modos sobre os quais suas vidas têm sido inscritas, mas que essas pessoas passem a fazer a parte da constituição de saberes que precisam ser sabidos, conhecidos. Os saberes sobre gênero e sexualidade tornam-se algo que atravessa toda a obra da Madonna, ao colocar sua própria vida como obra de arte, uma estética da existência *a la* Foucault, com os domínios de um devir feminista.

De modo sedutor, para ser literal, ela nos convida a pensar nas normas de gênero e sexualidade; o que perdemos e o que ganhamos quando liberamos a vida para o bem viver, para a contestação de tudo o que nos fizeram crer, e não é só a igreja que nos faz

crer em determinados conhecimentos; um currículo pode nos fazer crer em algo, quando tomamos verdades como dogmas, nos vinculamos a ela, a ponto de esquecer de nos tomarmos como objeto do pensamento. Madonna instaura fendas nos currículos e celebra a diferença de diversas formas. Certamente, os efeitos de um currículo em celebração continuam reverberando nos corpos, que a biopolítica tenta matar deliberadamente todos os dias, mas que insistem em viver apesar de... como fez Madonna, com seus poucos dólares no bolso em busca da sobrevivência.

Se a vida presta, como nos ensina outra artista que nos orgulha, Fernanda Torres, é porque a arte é um artefato de resistência, onde muitas vidas encontram moradas. Bobo é quem pensa que a arte é só entretenimento, pois ela está aí instituindo saberes, conhecimentos, afirmando vidas, hospedando corpos precários, fazendo-os encontrar morada e um curso para seguir vivendo de modos outros, ainda não pensados, pela epistemologia racista, classicista, misógina, sexista. Os currículos escolares deveriam olhar para os currículos culturais não escolares com mais desejo e simpatia, para assim encontrar conexões variadas e vontade de poder para ampliar suas possibilidades de fazer a vida existir em formas diversas.

Podemos nos perguntar, portanto, sobre o que os currículos têm celebrado. O que faz os currículos pulsarem, vibrarem? Lançar um olhar problematizador sobre o que têm produzido – por outro lado tristeza e não festa em um currículo –, para pensar modos de fazer as pessoas olharem para suas vidas como uma obra de arte que possa ser celebrada em territórios variados porque afirma a diferença, porque tomam a si mesmos/as como algo que a norma não captura de uma vez por todas. Assim como fez Madonna.

Ao concluirmos...

Queremos dizer que podemos explorar e fazer circular currículos culturais identificados com o respeito e com valores ligados a justiça sexual e de gênero, aos direitos de pessoas trans e não binárias, aos direitos das mulheres, mas sobretudo à possibilidade de existir em um mundo sem medo da coerção, da violência e da exclusão, impostas por grupos conservadores e radicais. Precisamos contrapor aqueles discursos políticos, religiosos e até de algumas vertentes da ciência que tomam o nascimento, o cérebro, o corpo, a constituição familiar, a reprodução, a adoção etc., como territórios de afirmação de formas de viver normativas e arbitrárias. Queremos olhar para as linguagens, examinar a feitura dos textos culturais, reconhecer as estratégias de produção

de sentidos, a fim de reconhecer as regras que instituem tais arranjos e em como pretendem dizer e dar forma as nossas formas de ocupar o mundo. Mais uma vez nos inspiramos em Butler (2024, p. 13) para combater movimentos que prometem assumir formas “fantasmáticas” para o gênero, a sexualidade e as existências tomadas como dissidentes, antes disso, precisamos reconhecê-las como construtos culturais que precisam ser desconstruídos, sobretudo ao assumirem projetos políticos e de poder.

Referências

ABREU, Rodolfo. Madonna estreia turnê “The Celebration Tour” e impressiona com hits que contam seus 40 anos de carreira. *Revista Vislun*, 2023. Disponível em: <https://revistavislun.com/colunas/rodolfo-abreu/madonna-estreia-turne-the-celebration-tour-e-impressiona-com-hits-que-contam-seus-40-anos-de-carreira/>. Acesso em: 29 jul. 2024.

ARAUJO, Guilherme. Madonna bate novo recorde envolvendo arrecadação de turnês; saiba qual! *Papel Pop*, 2024. Disponível em: <https://www.papelpop.com/2024/05/madonna-bate-novo-recorde-envolvendo-arrecadacao-de-turnes-saiba-qual/>. Acesso em: 27 jul. 2024.

BRONZE, Giovanna. Confira curiosidades sobre o show da Madonna em Copacabana. *CNN Brasil*, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/confira-curiosidades-sobre-o-show-da-madonna-em-copacabana/>. Acesso em: 29 jul. 2024.

BUTLER, Judith. *Quem tem medo do gênero?* 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2024.

CICCONE, Madonna. The Celebration Tour in Rio. *TV Globo*, 2024. Disponível em: <https://gayflix.me/filmes/madonna-the-celebration-tour-in-rio/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

CORALIS, Patrícia. “Um rosto tão conhecido quanto o nosso próprio”: a construção da imagem pública e da idolatria a Madonna. *Comunicação & Cultura*, n. 12, p. 99-115, 1 jun. 2011. Disponível em: <https://journals.ucp.pt/index.php/comunicacaoecultura/article/view/620>. Acesso em: 26 jul. 2024.

CORAZZA, Sandra. *O que quer um currículo?* Pesquisas pós-críticas em educação. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

ESTILOGEEK. Celebration Tour: entenda as referências do show biográfico de Madonna. *Medium*, 2024. Disponível em: <https://medium.com/estilogEEK/celebration-tour-entenda-as-refer%C3%A3ncias-do-show-biogr%C3%A1fico-de-madonna-b147e25660b4>. Acesso em: 30 jul. 2024.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos V*: ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

GRUTTER, Felipe. Madonna inicia turnê Celebration Tour; veja trechos. *Rolling Stone*, 2023. Disponível em:
<https://www.google.com/amp/s/rollingstone.com.br/amp/musica/madonna-inicia-turne-celebration-tour-veja-trechos/>. Acesso em: 26 jul. 2024.

KLEIN, Carin. Discursos que concorrem para a produção de infância e maternidade em políticas de inclusão social. *Textura – Revista de Educação e Letras*, Canoas, v. 20, n. 43, p. 53-78. maio/ago. 2018.

KLEIN, Carin. Maternidades em contextos educativos do PIM/RS. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 1, p. 1-15, jan./abr. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

O GLOBO. Mestre de Cerimônias de Madonna, Bob, the Drag Queen, ensina coreografia da 'Celebration Tour' para fãs cariocas. *O Globo*, 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2024/04/30/madonna-no-rio-conheca-bob-the-drag-queen-mc-em-todos-os-shows-da-celebration-tour.ghtml>. Acesso em: 30 jul. 2024.

OLIVEIRA, Danilo Araújo de; FRANGELLA, Rita de Cássia Prazeres. Apresentação do dossiê: Currículos culturais não escolares: sobre um campo em constante expansão, invenção e criação para afirmação da vida. *Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB*, [S. l.], v. 27, n. 61, p. 3-12, 2022. DOI: 10.20435/serieestudos.v27i61.1774. Disponível em: <https://www.serieestudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/1774>. Acesso em: 19 jul. 2024.

OLIVEIRA, Danilo. A. “*Cavalgar sem sela*”: ensinamentos, demandas e incitações do currículo bareback em oposição às normas do uso do preservativo. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/38849>. Acesso em: 20 jul. 2024.

OLIVEIRA, Priscilla. Heineken estará com Itaú no show de Madonna em Copacabana. *Mundo do Marketing*, 2024. Disponível em: <https://www.mundodomarketing.com.br/heineken-estara-com-itau-no-show-de-madonna-em-copacabana/>. Acesso em: 27 jul. 2024.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo e formação profissional em lazer. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira (org.). *Lazer em estudo: Currículo e Formação Profissional*. Campinas: Papirus, 2010. p. 27-58.

REDAÇÃO. Você sabe quem é a cantora que mais vendeu discos na história? *Revista Galileu*, 2023. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/cultura/noticia/2023/11/voce-sabe-quem-e-a-cantora-que-mais-vendeu-discos-na-historia.ghtml>. Acesso em: 26 jul. 2024.

REDAÇÃO. Show da Madonna gera audiência recorde para TV Globo. *Nexo Jornal*, 2024. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/extra/2024/05/06/show-madonna-audiencia-recorde-globo>. Acesso em: 26 jul. 2024.

RIO DE JANEIRO. Potenciais impactos econômicos do show da Madonna no Rio. *Portal da Prefeitura do Rio de Janeiro*, 2024. Disponível em: <https://prefeitura.rio/wp-content/uploads/2024/04/Estud-Impacto-Show-Madonna.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2024.

SÁ, Miguel. Madonna e a sua Madame X Tour: saiba como foi a turnê da diva. *Backstage*, 2020. Disponível em: <https://www.revistabackstage.com.br/reportagens/materias-completas/madonna-e-a-sua-madame-x-tour-saiba-como-foi-a-turne-da-diva>. Acesso em: 26 jul. 2024.

SERRA, Victor. Políticos conservadores protestam contra show de Madonna nas redes sociais. *Diário do Rio*, 2024. Disponível em: <https://diariodorio.com/politicos-conservadores-protestam-contra-show-de-madonna-nas-redes-socais/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

SPLASH. Madonna: o que é a sessão de 'ballroom' e quais famosos já foram jurados? *Splash Uol*, 2024. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2024/05/02/madonna-juizes-ballroom.htm>. Acesso em: 30 jul. 2024.

Recebido em maio de 2025.

Aprovado em junho de 2025.